



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS
DISCIPLINA – PESQUISA GEOGRÁFICA**

HUGO STÊNIO DE CARVALHO MONTEIRO

**ESTUDO DA FORMAÇÃO E CARACTERÍSTICAS DA SITUAÇÃO
SOCIOECONÔMICA E FÍSICA DA MICRORREGIÃO DO CURIMATAÚ**

João Pessoa - PB
2014

HUGO STÊNIO DE CARVALHO MONTEIRO

**ESTUDO DA FORMAÇÃO E CARACTERÍSTICAS DA SITUAÇÃO
SOCIOECONÔMICA E FÍSICA DA MICRORREGIÃO DO CURIMATAÚ**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Geografia da Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Exatas e da Natureza, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientadora: Prof.^a Ana Madruga Cornélio.

João Pessoa
2014

M775e Monteiro, Hugo Stênio de Carvalho.

Estudo da formação e características da situação socioeconômica e física da microrregião do Curimataú / Hugo Stênio de Carvalho Monteiro.- João Pessoa, 2014.

56f. : il.

Orientadora: Ana Madruga Cornélio

Monografia (Graduação) - UFPB/CCEN

1. Geografia. 2. Formação - Região do Curimataú. 3. Aspectos físicos. 3. Divisão regional. 4. Aspectos socioeconômicos.

ESTUDO DA FORMAÇÃO E CARACTERÍSTICAS DA SITUAÇÃO
SOCIOECONÔMICA E FÍSICA DA MICRORREGIÃO DO CURIMATAÚ

HUGO STÊNIO DE CARVALHO MONTEIRO

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Geografia da Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Exatas e da Natureza, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Aprovada em, ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ms. Ana Madruga Cornélio
Universidade Federal da Paraíba

Prof.^o Dr. Utaiguara da Nóbrega Borges
Universidade Federal da Paraíba

Ms. Noemi Paes Freire
Universidade Federal da Paraíba

DEDICATÓRIA

À minha **mãe** (Maria Eudemira de Carvalho Monteiro) e a toda minha **família**, que com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

A minha **namorada** (Patrícia Simplício de Oliveira) agradecê-la pela paciência e pelo incentivo, pela força e principalmente pelo carinho.

Aos **amigos** e **colegas** pelo incentivo e pelo apoio constante. Em especial a Murillo Kaufmann, Francisco Filho, Rafael Toscano, Givanildo Santos, Michel Gomes, Luiz Sena, Williton Farias amigos fiéis que fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida com certeza.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, em primeiro lugar, à **Deus** pela força e coragem durante toda esta longa caminhada.

Agradeço também a todos os **professores** que me acompanharam durante a graduação.

Agradeço em especial à **Profª Ana Madruga**, responsável pela realização deste trabalho, pelo apoio e pelo incentivo.

RESUMO

MONTEIRO, H.S.C. Estudo da formação e características da situação socioeconômica e física da microrregião do Curimataú. 2014. 56 p. Monografia (Graduação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa – PB, 2014.

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar a situação social, econômica e física da microrregião do Curimataú. Para alcançar esse objetivo teremos como objetivos específicos, descrever os aspectos físicos da Região do Curimataú Paraibano e Identificar as disparidades socioeconômicas na Região do Curimataú paraibano. Este trabalho analisa como se deu a divisão regional do Estado da Paraíba e aos diversos significados dados à região no decorrer da história. É importante considerar que ocorreu uma fragmentação da área de pesquisa em pelo menos seis vezes unidades territoriais e que estas unidades foram se definindo especialmente ao longo do século XX. Para entender essa formação e análise da situação física e socioeconômico, foi feita uma caracterização geográfica e física da área, com a identificação dos principais aspectos relativos ao processo de fragmentação, além de dados históricos e geográficos que compreendem a área de pesquisa. A base teórica, pautou-se em Correia (2003), Moreira (1989), Rodriguez (2012) entre outros. O nosso trabalho terá uma grande importância, pois pesquisadores e populares poderão saber como se deu a formação da região do Curimataú.

Palavras-chave: Formação; Curimataú; Aspectos Físicos; Aspectos Socioeconômicos.

ABSTRACT

MONTEIRO, H.S.C. Study of the formation and characteristics of the socioeconomic and physical micro Curimataú the situation. 2014. 56 p. Monograph (Undergraduate) - Federal University of Paraíba, João Pessoa - PB, 2014.

This study aims to analyze the social, economic and physical micro Curimataú the situation. To achieve this goal we will have specific objectives, describing the physical aspects of the Curimataú Paraíba region and identify the socioeconomic disparities in Paraíba Curimataú Region. This paper analyzes how was the regional division of the State of Paraíba and various meanings given to the region throughout history. It is important to consider that there has been a fragmentation of the survey area at least six times territorial units and that these units were defining themselves especially during the twentieth century. To understand this training and analyze the physical and socio-economic status , geographical and physical characteristics of the area was made with the identification of the main aspects of the fragmentation process , as well as historical and geographical data that comprise the search area . The theoretical basis, was based in Correia (2003), Moreira (1989), Rodriguez (2012) among others. Our work will have an important grade , and popular because researchers can know how was the training of Curimataú region.

Keywords: Formation; Curimataú; Physical Aspects; Socio-economic aspects;

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Mapa da Divisão Regional do Estado da Paraíba ocorrida em 1861.....	18
Figura 02 – Mapa da Divisão Regional da Paraíba feita pelo autor Irineu Joffly a partir da distribuição da flora no Estado.....	19
Figura 03 – Mapa da Divisão Fisiográfica no Estado da Paraíba de 1945.....	20
Figura 04 - Mapa das Regiões Geográficas da Paraíba de 1965.....	21
Figura 05 - Mapa da Divisão Geográfica atual das Mesorregiões Paraibana.....	23
Figura 06 - Região semi-árida do estado da Paraíba.....	29
Figura 07 - Localização da Microrregião do Curimataú.....	32
Figura 08 - Depressão do Curimataú, Paraíba.....	34
Figura 09 - Mapa do Relevo da Paraíba.....	35
Figura 10 - Localização do Curimataú Paraibano, com ênfase nos Municípios criados na década de 1990.....	40
Figura 11 - Agricultura orgânica, município de Nova Floresta.	44
Figura 12 - Área colhida de lavouras temporárias e Permanentes.....	46
Figura 13 - Pedra da Boca, Araruna – Paraíba.....	49

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - População, Área da Microrregião do Agreste Paraibano.....	24
Tabela 02 - Altitude, coordenadas geográficas e áreas dos municípios do Curimataú..	33
Tabela 03 - População urbana e rural, grau de urbanização, taxa de crescimento, total 1991 à 2010.....	39
Tabela 04 - PIB dos Municípios da Microrregião do Curimataú nos anos de 2009 e 2010.....	42
Tabela 05 - Índice de Desenvolvimento Humano do Ano de 1991 da Microrregião do Curimataú.....	44
Tabela 06 – Índice de Desenvolvimento Humano do Ano de 2010 da Microrregião do Curimataú.....	44
Tabela 07 – Produção Pecuária em 2008.....	48

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 – A REGIÃO NA GEOGRAFIA.....	13
1.1 – O Processo de Divisão Regional do Território da Paraíba.....	17
CAPÍTULO 2 – DELIMITAÇÃO E CARACTERÍSTICAS FÍSICAS	
DA MESORREGIÃO DO AGRESTE PARAIBANO...	24
2.1 - Breve Histórico da Ocupação do Agreste.....	25
2.2 - Características Físicas da Mesorregião do Agreste Paraibano.....	26
2.3 - Histórico de Ocupação e Características Físicas da Microrregião do Curimataú.....	29
2.3.1 - Localização da Microrregião do Curimataú.....	31
2.3.2 - Aspectos Naturais.....	34
CAPÍTULO 3 – ASPECTOS SÓCIO-ECONÔMICO DA REGIÃO DO CURIMATAÚ.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS.....	53

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo geral analisar a situação social, econômica e física da microrregião do Curimataú. Para alcançar esse objetivo teremos como objetivos específicos, descrever os aspectos físicos da Região do Curimataú Paraibano e Identificar as disparidades socioeconômicas na Região do Curimataú paraibano.

Diante da importância dessa microrregião, a realização deste estudo proporcionará a divulgação dos aspectos sociais, econômicos e físicos para a comunidade acadêmica, visto que são escassos os trabalhos que abordem o referido tema; podendo ser utilizado como direcionamento para novas investigações.

“O espaço geográfico constitui um produto da ação do homem sobre a natureza, ação esta inserida num contexto mais amplo: como ele organiza a produção. Através da produção que o espaço se torna social e distingue-se do espaço-natureza” (MOREIRA, 1989).

O agreste representa uma região de transição entre a Zona da Mata e o Sertão. Com áreas muito secas e úmidas, a paisagem do agreste caracteriza-se pela diversidade, funcionando como uma típica miniatura do Nordeste. Em trechos de altitude elevada, expostos aos ventos úmidos do Sudeste, surgem os *brejos*, que apresentam condições de umidade e de pluviometria semelhantes às da zona da mata, assim como temperaturas mais amenas. Fora dos brejos, onde antes havia floresta e hoje predomina a agricultura, encontra-se a *caatinga*.

Geograficamente, o Agreste é uma faixa estreita, paralela à costa do Oceano Atlântico, que se estende do Rio Grande do Norte até a Bahia, passando pelos estados da Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe. Na face leste do Agreste, mais próximo à Zona da Mata, o clima é mais úmido. À medida que se avança para o interior, aproximando-se do Sertão, o clima fica cada vez mais seco, e a paisagem mais árida.

“O Agreste *acatingado* correspondia ao domínio da pecuária extensiva, especialmente no trecho mais meridional, e da policultura, ao norte (produção do fumo, agave, abacaxi, milho, mandioca e algodão herbácea)” (MOREIRA, 1989).

Os municípios situados na faixa do Agreste, em cada estado, têm características econômicas e sociais similares, por isso são chamados de mesorregiões.

Localizada na Mesorregião do Agreste paraibano, a região do Curimataú está inserida, no limite dos Estados da Paraíba com o Rio Grande do Norte e está localizada do Seridó paraibano ao norte do Cariri (Planalto da Borborema) e oeste do Brejo.

De acordo com a divisão em Regiões Fisiográficas, feita pelo IBGE em 1945, a região do Curimataú compreenderia parte do Agreste e Caatinga Litorânea, excluindo o município de Dona Inês que faria parte da Zona do Brejo. A divisão, em Microrregiões Homogêneas (1968) também feita pelo IBGE é baseada em critérios socioeconômicos. De acordo com essa divisão, a região do Curimataú corresponderia aos municípios de Barra de Santa Rosa, Cuité, Nova Floresta, Cacimba de Dentro, Araruna, Tacima e Dona Inês.

Na atual regionalização, essa região é dividida em duas microrregiões: Curimataú Oriental, que recebeu a denominação de Araruna pelo IBGE e Curimataú Ocidental ou Cuité.

Até 1970, o algodão alóreo e sisal partilhavam o espaço agrário dessa região, conferindo-lhe um caráter de área consagrada à policultura industrial e à criação extensiva de gado.

Nos dias atuais, o que se verifica é desaparecimento quase total do algodão e o crescimento do sisal. Este passou a se constituir no produto agrícola de maior peso para a economia regional, esta é razão de identificação da área como a região sisaleira do estado. Ao lado desta produção, desenvolve-se, principalmente nos trechos mais úmidos da serra do Cuité, em Remígio e em Pocinhos, uma atividade de policultura alimentar, complementada com a criação extensiva de gado. Esta Microrregião compõe-se de parte da região serrana do Norte, pela depressão do Curimataú e pela da escarpa oriental da Borborema.

O presente estudo constitui-se de três capítulos:

O primeiro capítulo apresentam-se as questões teóricas referentes ao conceito de região. Ainda no capítulo 1, analisei de forma sucinta sobre as divisões regionais ocorridas no Estado da Paraíba (1861); Regiões Fisiográficas (1945); Regiões Geográficas (1965); Microrregiões Homogêneas (1968); Meso e Microrregiões Paraibanas (1987/1991).

O segundo capítulo foi feita uma caracterização física e de forma resumida foi analisado o processo de ocupação do Agreste Paraibano. Ainda no mesmo capítulo foi feita uma abordagem sobre o Histórico de Ocupação do Semi-árido e os aspectos geográficos e físicos da Microrregião do Curimataú, descrevendo a localização da Região.

Na sequência (terceiro capítulo), o enfoque de estudos está direcionado especificamente para a Região do Curimataú, enfatizando aspectos socioeconômico com dados geográfico, gráficos, tabelas, figuras, para melhor caracterização sócio-econômico do assunto abordado do capítulo.

Capítulo 1 – A Região na Geografia

“O conceito de região tem sido utilizado por todos os campos do conhecimento, mas as discussões mais acirradas em torno de uma sistematização desse conceito têm ficado por conta da Geografia, uma vez que a região constitui uma categoria analítica dessa ciência” (VIERA, 2013).

Corrêa (2003) afirma que o conceito de Região deve estar ligado à noção de diferenciação entre áreas, pois cada divisão do espaço geográfico há especificidades culturais, políticas e ideológicas. Corrêa (2003) ressalta que os geógrafos argumentam, devido ao complexo número de informações, quanto ao uso e interpretação do que se refere a categoria Região, nascida na escola geográfica francesa, pois outrora, abarcava-se o conteúdo desses espaços restringindo-o ao gênero de vida, e mera descrição de locais com uma abordagem predominantemente unicamente natural, não analisando além da Paisagem, ou seja, a transformação da primeira em segunda natureza.

O primeiro paradigma a definir a Geografia foi o determinismo ambiental que surgiu no fim do século XIX, com a abertura do capitalismo competitivo para uma fase monopolista e imperialista. O determinismo ambiental justificava a expansão territorial através de povoamento em regiões temperadas, e da criação de colônias de exploração no continente africano, e, a serem colonizadas pelo excedente demográfico britânico e europeu.

O determinismo ambiental abrangeu como “[...] um dos conceitos dominantes foi o de região natural, saído diretamente do determinismo ambiental” (CORRÊA, 2003). A região natural era caracterizada pela combinação ou uniformidade da natureza: o clima, a vegetação, o relevo, a geologia, segundo o Determinismo, mantinham certo domínio sobre o homem.

Para Corrêa (2003) a divisão regional proposta por Herbetson, é uma divisão clássica, com base no clima e no relevo. Considerando a vegetação, divide a superfície da Terra em 6 zonas: polar, temperada fria, temperada quente, tropical, montanhosa subtropical, e terras baixas e úmidas equatoriais; 15 subzonas e 57 regiões.

Herbetson (1905, apud Corrêa, 2003) aponta três aspectos que devem ser destacados:

1. As regiões naturais compõem uma base adaptada para pensar a geografia, onde se pudesse estudar e compreender as relações homem/natureza;
2. O clima aparece como fator determinante da natureza. O clima é utilizado como justificativa para o colonialismo em suas diversas formas (colônias de povoamento de exploração) e o racismo;
3. Região natural desfrutava de prestígio não se podia falar em área da superfície da Terra, não tivesse sofrido ação antrópica.

O Possibilismo apresentou em Vidal de La Blache seu disseminador e idealizador mesmo considerando as relações entre o homem e a natureza muito complexas. O conceito de região se distingue do conceito de Determinismo Ambiental e se aceita a semelhança entre homem e a natureza, mas não considera o determinismo no comportamento humano. Corrêa (2003, p. 27 e 28), afirma que:

Reagindo ao determinismo ambiental, o possibilismo considera a evolução das relações entre o homem e a natureza, que, ao longo da história, passam de uma adaptação a uma modeladora, pela qual o homem com sua cultura cria uma paisagem e um gênero de vida, ambos próprios e peculiares a cada porção da superfície da Terra.

No possibilismo, as regiões existentes baseadas no saber geográfico, destacam o trabalho e a relação com a natureza em um certo ambiente. Segundo Corrêa (2003, p.27) recomenda “não é a região natural e sua influência natural e sua influência sobre o homem que domina o temário dos geógrafos possibilistas”. Para os possibilistas, então, o natural e o humano se complementam e com isso, para compreendermos uma região, afirma Gomes (2000, p. 67), “é preciso viver a região”. E é a partir desse fato que passou a existir a concepção de região geográfica, que ainda segundo Gomes (1995, p.56) é uma:

[...] unidade superior que sintetiza a ação transformadora do homem sobre um determinado ambiente, este deve ser o novo conceito central da Geografia, o novo patamar de compreensão do objeto de investigação geográfica.

Com o possibilismo, a natureza não é mais fator determinante no avanço do homem. O conceito de região foi nomeado Região Geográfica, que é, sem dúvida, uma região humana na visão da forma de Geografia Regional. Com o benefício da adaptação humana, no meio natural, surge o conceito paisagem. Essa paisagem possui ambientes construídos pelo homem, que, com o passar do tempo, constituirão um equilíbrio com a natureza.

No que se refere à corrente possibilista, Corrêa (2003) destaca considerando relações “harmoniosas” entre homem e natureza, mas esta corrente pouco se diferencia da determinista.

A Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - FIBGE foi quem deu origem a primeira Regionalização oficial do Brasil.

No Brasil, sob influência possibilista surgiram as zonas fisiográficas entre 1950 e 1960, já as regiões homogêneas surgem com ênfase na Nova Geografia em 1970 e 1980.

Após a Segunda Guerra Mundial, o mundo passou a observar uma nova expansão capitalista que teve influência as divisões territoriais até então constituídas em razão da perda ou ganho de territórios entre países. Precisava-se que o desenvolvimento econômico fosse impetrado em curto prazo, a fim de recuperar os países enfraquecidos pelos conflitos.

A Nova Geografia ou Geografia Quantitativa com sua “própria versão” de região que se opõe aos Paradigmas do Determinismo Ambiental e do Possibilismo. Nesse novo argumento de acordo com Corrêa (2003 p.,32) a região “é definida como um conjunto de lugares onde as diferenças internas entre esses lugares são menores que as existentes entre eles e qualquer elemento do outro conjunto de lugares”.

As diferenças e as semelhanças a partir de técnicas estatísticas e critérios, ou seja “é a técnica estatística que permite revelar regiões de uma dada porção superfície da superfície da Terra (CORRÊA, 2003, p.32).

E se as regiões definem-se através por dados estatísticos, são os objetivos de cada pesquisador que direcionam quais critérios a serem selecionados para as divisões regionais de seus estudos, por exemplo, a definição de região econômica, para qual é preciso buscar informações relacionadas a Economia, ou se a intenção for definir regiões climáticas, as informações pertinentes ao clima, e com esses limites, as divisões regionais foram sendo estabelecidas.

Na geografia crítica, também entendida como geografia marxista, é o conceito que estabelece o rompimento da neutralidade no estudo da geografia, com a proposta de engajamento e criticidade junto a toda a conjuntura social, econômica e política do mundo.

Este ramo estabelece uma leitura crítica frente aos problemas e interesses que envolvem as relações de poder, e a pró-atividade frente as causas sociais, com a defesa da diminuição das disparidades sócio-econômicas e diferenças regionais. Nos entendimentos procedentes da Geografia Crítica, segundo Corrêa (2003, p.40), está “a necessidade de se repensar o conceito de região”, que passa também por várias alterações.

Neste sentido, aproximaram-se a Geografia Crítica com a Geografia Radical que surgiu na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos como uma reação ao quantitativismo ou chamada pragmática, que utilizava a geografia como seguimento da ideologia do poder, como o estado capitalista e as empresas. A geografia radical procurou se estreitar aos movimentos sociais e ao marxismo, o que difere da geografia crítica, que se opôs ao socialismo real e ao marxismo real, procurando estabelecer uma proposta pluralista e aberta, conversando com diversas correntes.

Corrêa (2003) busca colocar o conceito de região dentro de um quadro teórico busca amplo da geografia crítica. Neste contexto, há a lei de desenvolvimento desigual e combinado proposta por Trotsky. Sua dimensão espacial corresponde à diferenciação de áreas, verificável através do processo de regionalização.

Assim, a região pode ser considerada como o resultado da lei de desenvolvimento desigual e combinado, que apresenta como elementos fundamentais a divisão nacional e internacional do trabalho e a associação de relações de produção distintas. Estes dois elementos se expressam numa paisagem e numa problemática, sendo esta definida pelos embates que se estabelecem entre as elites regionais e o capital externo à região e dos conflitos entre as diferentes classes sociais que a compõem. Dessa forma, a paisagem e a problemática definida pelos conflitos internos e externos conferem a especificidade de cada região.

Cabe ressaltar que para a Geografia Crítica, (Corrêa, p. 45 e 46) afirma que:

[...] a região é considerada uma entidade concreta, resultado de múltiplas determinações, ou seja, da efetivação dos mecanismos de regionalização sobre um quando territorial já previamente ocupado, caracterizado por uma natureza já transformada, heranças culturais e materiais e determinada estrutura social e seus conflitos.

1.1 O Processo de Divisão Regional do Território da Paraíba.

Segundo Gomes (1995) um conceito de região diz que:

Na linguagem cotidiana do senso comum, a noção de região parece existir relacionada a dois princípios fundamentais: o de localização e o de extensão. Ela pode assim ser empregada como uma referência associada à localização e a extensão de certo fato ou fenômeno, ou ser ainda uma referência a limites mais ou menos habituais atribuídos à diversidade espacial. [...] A região tem também um sentido bastante conhecido como unidade administrativa, e neste caso, a divisão regional, é o meio pelo qual se exerce frequentemente a hierarquia e o controle na administração dos estados. [...] A noção de região possui um emprego também associado, o campo empírico de observação e o campo das relações gerais.

Para que aconteça uma melhor caracterização do Estado da Paraíba, ocorreram diferentes tipos de regionalização, que se deram a partir de diversos fatores, como: o desenvolvimento populacional, caracterização dos fatores naturais, os fatores sociais, econômicos, políticos e culturais, sendo que, a partir desses fatores que aconteceu o surgimento das diversas unidades regionais paraibanas.

Para Moreira (1989) foi pelas diferenças naturais, que ligados a outras transformações, como as atividades econômicas, que se originou diferentes tipos de regionalização do Estado da Paraíba, sendo elas: as Regiões Fisiográficas (1945); as Regiões Geográficas (1965); as Microrregiões Homogêneas (1968); e as Meso e Microrregiões Paraibanas (1987/1991).

Moreira (1989) também argumenta que uma região possui aspectos naturais e humanas que a identifica. A região é dividida em diferentes tipos de elementos e fenômenos geográficos que regionaliza, nos quais as regionalizações apresentam uma diversificação nos

aspectos humanos e naturais, com diferente tipos de paisagens. Hoje, o espaço geográfico está dividido em quatro mesorregiões: a Mata Atlântica, o Agreste Paraibano, a Borborema e o Sertão Paraibano.

O mapa realizado no ano de 1861 (Figura 1) por Beaurepaire Rohan, o autor apenas destacou os aspectos as características vegetativos e as formas de relevos do Estado Paraibano, e com isso dividiu o território paraibano em três zonas: a 1ª zona era do domínio dos tabuleiros e da caatinga; a 2ª zona era o domínio da Borborema (área ocorrência dos cactus e bromeliáceas); a 3ª zona era a zona do sertão do domínio do sertão que apresentava maior concentração dos cactos e da carnaúba.



Figura 01 - Divisão Regional do Estado da Paraíba ocorrida em 1861

Fonte: MOREIRA, 1989.

Já no ano de 1892 uma nova divisão regional da Paraíba (Figura 2) feito por Irineu Joffily, sendo esta a segunda regional da estado e foi através da divisão regional feita em 1861, que o autor organizou esta divisão que teve por base principalmente a distribuição florística e sua relação com o solo e o clima, o território paraibano a partir dessa divisão propôs uma nova subdivisão em seis regiões naturais: o Litoral, o Brejo, a Caatinga, o Agreste, o Cariri e o Sertão. Apesar de ter acontecido um grande avanço com esta divisão, com o acréscimo dos aspectos climáticos e características do solo, esta divisão não está finalizada, pois ela, não se levou em conta os fatores humanos, e sem levar em conta esses fatores não podemos dividir um território em região geográfica. E foi por isso que teve a necessidade de se fazer mais uma divisão regional em nosso Estado, divisão essa que foi feita no ano de 1945 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).



Figura 02 – Divisão Regional da Paraíba feita pelo autor Irineu Joffly a partir da distribuição da flora no Estado.

Fonte: MOREIRA, 1989.

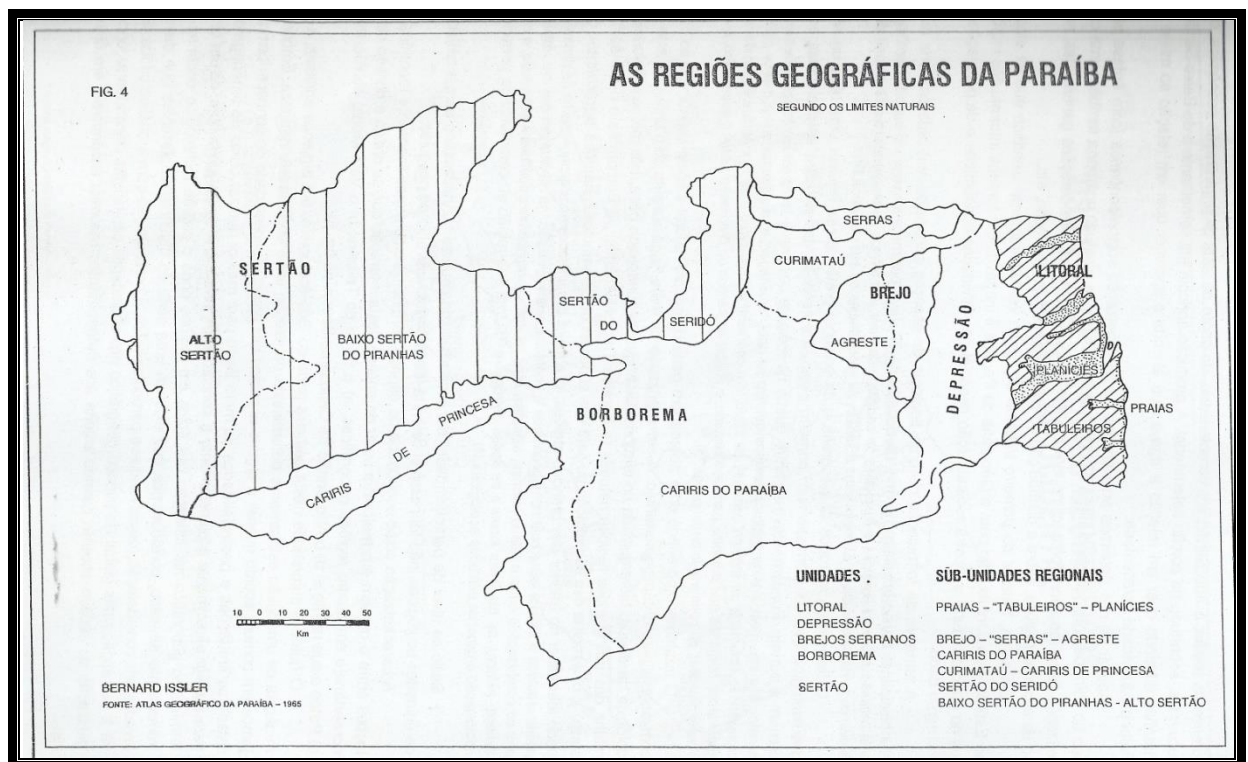
Na década de 1940, quando os estudiosos assumiram como base os estudos pelo IBGE, eles acharam que para se chegar a uma classificação completa da regionalização do nosso Estado, era necessário juntassem todos os fatores da região, que seriam dos humanos aos físicos. Eles consideraram alguns fatores, a partir daí surgiu uma nova divisão territorial Paraibana (Figura 3) em: Litoral e Mata; Agreste e Caatinga Litorânea; Brejo; Agreste e Caatinga Central; Médio Sertão dos Cariris Velhos; Seridó; Baixo Sertão do Piranhas e Alto Sertão.



Figura 03 – Divisão Fisiográfica no Estado da Paraíba de 1945.
Fonte: Moreira, 1989

O Departamento de Geociência da Universidade Federal da Paraíba, realizou na década de 1960 uma nova divisão regional da Paraíba (Figura 4). Levando em consideração todos os aspectos naturais e socioeconômicos, esta regionalização teve como principal objetivo preencher as lacunas que foram deixadas pelas regionalizações que foram feitas

anteriormente. Esta divisão fez uma divisão que foi feita em unidades maiores, as quais demonstravam características específicas em alguns pontos, e estas se dividiram em subunidades regionais: Litoral subdividido em três sub-regiões: as praias, os tabuleiros e as várzeas; Depressão; Brejo Paraibano: as Serras e o Agreste; Borborema: os Cariris; Sertão subdivide-se em: Caurimataú Sertão do Seridó, Baixo Sertão do Piranhas e Alto Sertão.



Mapa 04 – Regiões Geográficas da Paraíba de 1965.

Fonte: MOREIRA, 1989.

O mapa atual da Divisão Regional da Paraíba (Figura 5) é nada mais do que um resumo das diferentes regionalizações estaduais que já foram concretizadas até então, nesta divisão as unidades maiores recebem a denominação de Mesorregião. O IBGE subdividiu o território paraibano em quatro Mesorregiões: a Mata Paraibana, o Agreste Paraibano, a Borborema e o Sertão Paraibano. Cada uma dessas Mesorregiões do Estado da Paraíba possui características naturais diferentes, estas mesmas mesorregiões também estão subdivididas em regiões menores denominadas de microrregiões: Litoral Norte, Sapé, João Pessoa, Litoral Sul,

Capítulo 1 – A Região na Geografia

Curimataú Ocidental, Curimataú Oriental, Esperança, Brejo Paraibano, Guarabira, Campina Grande, Itabaiana, Umbuzeiro, Cariri Ocidental, Cariri Oriental, Seridó Oriental, Seridó Ocidental, Catolé do Rocha, Cajazeiras, Sousa, Patos, Piancó, Itaporanga, e Serra do Teixeira.

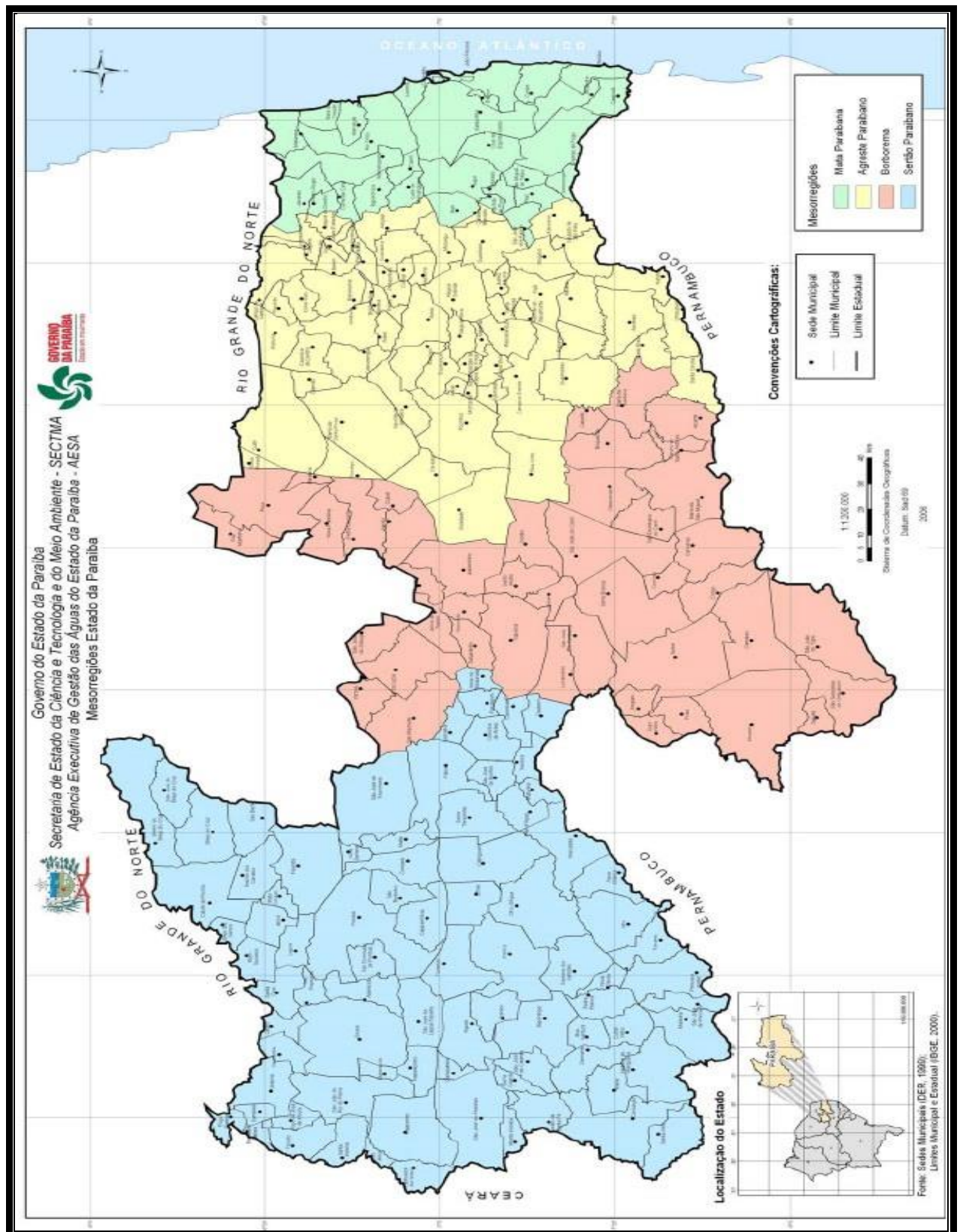


Figura 05 – Divisão Geográfica atual das Mesorregiões Paraibana,
 Fonte : Atlas da Paraíba: Espaço Geo-Histórico e Cultural.

Capítulo 2 - Delimitação e Características Físicas da Mesorregião do Agreste Paraibano.

Conforme dados demográfico do IBGE (2010), a Mesorregião do Agreste Paraibano está localizado à retaguarda da Mesorregião da Mata Paraibana, é formada pela união de sessenta e seis municípios agrupados em oito microrregiões: Brejo Paraibano, Campina Grande, Curimataú Ocidental ou Cuité, Curimataú Oriental ou Araruna, Esperança, Guarabira, Itabaiana e Umbuzeiro. O agreste paraibano estende-se por uma área de 13.432 km² (23,8% do território estadual) limitando-se ao norte com o Rio Grande do Norte, ao sul com a Mata pernambucana, ao leste com a Mata e ao oeste com a Borborema. Com uma população estimada em 1.213.279 habitantes. Ela diferencia-se pelo grande número tanto dos elementos naturais (vegetação, relevo, clima, solo), como das condições do sistema espaço produtivo que são baseadas na cultura alimentícias e na pecuária.

Tabela 01 - População, Área da Microrregião do Agreste Paraibano.

Microrregião	População	Área
Araruna (C.Oriental)	95.585 Habitantes	1.307,4 km ²
Brejo Paraibano	115.923 Habitantes	1.202,1 km ²
Campina Grande	496.906 Habitantes	2.124,8 km ²
Cuité (C.Ocidental)	121.484 Habitantes	3.962 km ²
Esperança	54.414 Habitantes	336,6 km ²
Guarabira	159.040 Habitantes	1.319,2 km ²
Itabaiana	108.846 Habitantes	1.532,8 km ²
Umbuzeiro	53.880 Habitantes	1 293,9 km ²
Total	1.206,078 Habitantes	12.914,069 km²

Fonte : IBGE, 2012.

Capítulo 2 – Delimitação e Características Físicas da Mesorregião do Agreste Paraibano

As principais atividades de uso agrícola estão voltadas para a agricultura de subsistência: feijão macassa, milho, mandioca, palma forrageira. Na pecuária, os principais rebanhos são de caprinos, bovinos e ovinos, respectivamente em ordem de importância.

2.1 Breve Histórico de Ocupação do Agreste

Segundo Moreira (2007), o Agreste Paraibano compõe uma região fortemente caracterizada tanto pelas condições naturais, e pela forma tradicional de organização do espaço produtivo.

Desde o início do processo de ocupação, caracterizou-se pela força de uma policultura diversificada complementada pela criação extensiva da pecuária, pela presença de relações de trabalho pré-capitalistas, do sistema morador e pelo forte adensamento populacional. (MOREIRA, 1989).

Atualmente, observam-se intensas mudanças na organização deste espaço em consequência da expansão do cana-de-açúcar, e da pecuária. O desenvolvimento destas duas formas de produção tenha provocado uma retratação importante da policultura alimentar, tenha determinado profundas mudanças nas relações do trabalho e tenha contribuindo para intensificar a concentração fundiária e êxodo rural, o Agreste continua sendo de forte expressão cultural, social e econômica na Paraíba (MOREIRA, 1989).

O Agreste era atravessado pelo gado nos seus percursos em direção à zona açucareira, o que provocou o surgimento de pousos para descanso e abastecimento. Deles surgiram “currais” que logo se transformaram em feiras de gado e mais tarde, a vários centros de povoamento, algumas chegando a originar cidades, a exemplo de Itabaiana e Campina Grande (RODRIGUEZ, 2012).

A preferência pela exclusão do termo “*Brejo*” é acessível na medida em que se entende que esta subunidade morfoclimática é também uma das subunidades socioeconômicas que compõem a região agrestina. Considerando o Agreste enquanto Mesorregião como um espaço formado por subunidades espaciais diversificadas, nada mais lógico que deixar o termo “*brejo*” para designar uma dessas subunidades que compõem e não a unidade global (MOREIRA, 1989).

Capítulo 2 – Delimitação e Características Físicas da Mesorregião do Agreste Paraibano

2.2 – Características Físicas da Mesorregião do Agreste Paraibano

No Agreste do estado da Paraíba o relevo aparecem, no geral, bastante diversificado, porque foram trabalhadas por diferentes processos, atuando sob climas distintos e sobre rochas pouco ou muito diferenciadas.

De acordo com Moreira (2002) situada à retarguada do baixo planalto costeiro, a Depressão Sublitorânea constitui uma superfície alongada no sentido Norte-Sul do Estado da Paraíba, situada numa altitude média de 100 metros, em relação ao nível do mar. Ao norte, a Depressão Sublitorânea integra-se ao vale do Rio Curimataú. Ao Sul, faz contato na altura de Natuba, com as vertentes a sotavento da Serra de Pirauá (400 metros de altitude em média) e com as serras vizinhas que separam o Rio Paraíba com o Rio do Capibaribe, em Pernambuco. As altitudes da depressão sublitorânea em relação ao nível do mar variam de 80 a 150 metros. Em relação ao nível de base local suas maiores altitudes não ultrapassam os 50 metros (CARVALHO, 1982).

‘O clima dessa área apresenta-se como subúmido, com uma pluviosidade média de 800 mm/a e as temperaturas em média de 26°C a 28°C, os ventos úmidos provenientes de sudeste ascendem o que favorece a diminuição da umidade que alcança índices médios de 78%. Os sedimentos do Grupo Barreiras que a recobriam foram retirados expondo o embasamento cristalino (MOREIRA, 2002).

De acordo com o autor supracitado, a superfície geral da Depressão Sublitorânea, apresenta-se como uma planície semi-colinosa, com morros de topos semi-arredondados, modelados pelos processos erosivos de um clima úmido anterior ao processo de deposição sedimentar que deu origem ao Baixo Planalto Costeiro.

A vegetação original encontra-se quase que totalmente substituída por plantações de pasto e pela agricultura. Nessa área a pecuária é a atividade dominante embora sua ocupação tenha se dado inicialmente com base na policultura alimentar sendo a pecuária apenas uma atividade complementar, (RODRIGUEZ, 2012).

Capítulo 2 – Delimitação e Características Físicas da Mesorregião do Agreste Paraibano

A unidade geomorfológica representada pelo Maciço da Borborema, ele ocorre na forma de escarpas abruptas (frente oriental) e uma extensa superfície elevada aplainada (Planalto da Borborema), que se desenvolve na retaguarda da frente escarpada de leste até suas encostas ocidentais que o limitam com o Pediplano Sertanejo, MOREIRA(2002). “Apresentando-se mais baixa que esta pela intensidade e concentração de processos erosivos em áreas baixas ao pé de escarpas altas” (CARVALHO. 1982, p -37)

“Dos 200/300 metros das serras formadas por seus contrafortes, o Maciço da Borborema eleva-se para 600 metros, de maneira relativamente abrupta, em alinhamento na direção SW-NE. Define-se na paisagem a sua Frente Escarpada” (CARVALHO, 1982).

Segundo Rodriguez (2012), a altitude e a disposição dessa escarpa em relação aos ventos de sudeste, proporcionam a ocorrência de chuvas orográficas na área e assim, a existência de rios perenes de grande poder erosivo. Os leitos aparecem em vales profundos em V. Nesse relevo nascem alguns afluentes do Rio Paraíba e também aí estão as nascentes do Rio Mamanguape, principal responsável pela dissecação do local.

A origem dessa escarpa é o propósito de discussão questionado entre vários estudiosos. Segundo Matsumoto (1974, *apud* Carvalho, 1982), a frente da escarpada da Borborema tanto poderia corresponder a uma escarpa de falha, como pode ter sido modelada por interferência indireta do falhamento constituindo assim uma escarpa de linha de falha. Ele não descarta a possibilidade de uma origem tectônica para as escarpas orientais da Borborema uma vez que para ele, o aspecto linear por elas apresentados não pode ser explicado exclusivamente pela erosão.

De acordo de Moreira (2002), outros estudiosos resguardam-se teorias diferentes sobre a origem da frente da escarpada da Borborema. É o caso de Dresh (1958, *apud* Carvalho, 1982), que interpreta com falésia morta do mar do cretáceo superior e do paleoceno; de Andrade (1965, *apud* Carvalho, 1982), afirmando que uma “escarpa tectônica”.

Segundo Rodriguez (2012) a Superfície Elevada Aplainada da Borborema estende-se da retaguarda da escarpa oriental até os limites oeste com os pediplanos sertanejos que abrange os municípios de Areia, Esperança, Pocinhos, Puxinanã, Remígio e oeste de Solânea).

Capítulo 2 – Delimitação e Características Físicas da Mesorregião do Agreste Paraibano

Configura uma ampla área planática que engloba as regiões há tempos conhecidas como Agreste, Cariri e Seridó.

Segundo Moreira (2002), o clima dessa área se considerada como subúmido com pluviosidade média anual em torno de 800 a 1000 m.m. As temperaturas são suavizadas pela altitude (em torno de 600 metros) e a paisagem apresenta uma transição para o semi-árido propriamente dito que se anuncia, acompanhada de uma mudança significativa na forma de uso do solo. Predominam os solos do tipo regossolos, solonetz solodizados, brunos não cálcicos e os vertissolos.

Capítulo 2 – Delimitação e Características Físicas da Mesorregião do Agreste Paraibano

2.3 Histórico de Ocupação e Características Físicas da Microrregião do Curimataú.

Para Moreira & Targino (2007) a expressão “semi-árido” é utilizada com frequência para designar um tipo climático caracterizado por forte insolação, temperaturas relativamente altas e um regime de chuvas marcado pela escassez, irregularidade e concentração das precipitações num curto período. A esse tipo climático corresponde a formação vegetal de Caatinga, formação lenhosa, caracterizada por uma máxima adaptação dos vegetais à carência hídrica, com espécies, na sua maioria, caducifólias, espinhosas, com folhas pequenas ou de lâminas subdivididas, existindo, inclusive, algumas sem folhas (áfilas) para reduzir ao máximo a perda de água por transpiração. A sua fisionomia varia de acordo com as condições climáticas e edáficas (MOREIRA & TARGINO, 2007).

Segundo Moreira & Targino (2007), foram inseridos no semi-árido, os municípios que compõem as Mesorregiões da Borborema e do Sertão Paraibano e as *Microrregiões do Curimataú Oriental e Ocidental*.

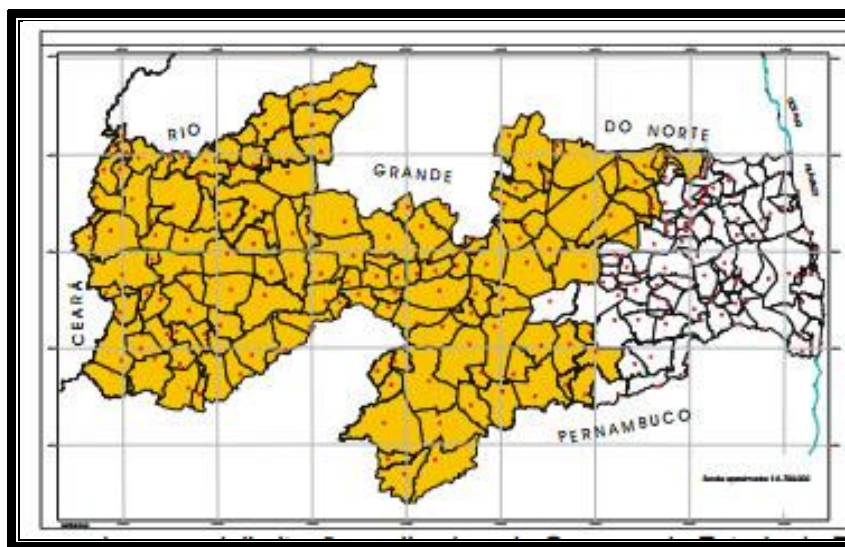


Figura 06– Mapa elaborada com base na delimitação.
Fonte : Revista Nera, Emilia Moreira & Ivan Targino.

Capítulo 2 – Delimitação e Características Físicas da Mesorregião do Agreste Paraibano

De acordo com a obra de Andrade (1975), a ocupação do semiárido aconteceu ainda no século XVII quando esta área passou a ser vista como de interesse para o desenvolvimento da pecuária extensiva, ficando as regiões úmidas e de solos mais férteis dedicadas à agricultura.

Esta ocupação que durou uma década de Guerra, foi marcada por vários conflitos com indígenas das tribos “Cariris” e “Tarairiús” que resultou na destruição de tribos inteiros (ANDRADE, 1975).

Para Andrade (1975), a ocupação do Semiárido foi atrativa a um grande número de trabalhadores livres, ou fugitivos da escravidão e o sonho da conquista de terra própria. Diferente das terras úmidas, onde se encontravam canaviais, as fazendas do sertão eram, geralmente, tocadas por vaqueiros que cuidavam tanto da propriedade quanto da criação.

Para Moreira & Targino (2007), a atividade produtiva na região semi-árida da Paraíba organizou-se, portanto, com base na exploração da pecuária, tendo na fazenda a unidade fundamental da sua organização econômica, social, cultural e política. Suas principais características eram:

- a) instalação de grandes propriedades territoriais de baixa densidade populacional e econômica;
- b) baixo nível de capitalização, pois para constituir uma fazenda era preciso basicamente a construção de uma casa e do curral;
- c) combinação do trabalho livre e escravo;
- d) cultivo de produtos alimentares básicos em pequena proporção no interior das fazendas em áreas de baixios;
- e) apesar do seu relativo isolamento, a atividade surge mantendo relações com o mercado, sobretudo através da venda do couro, embora, em determinados momentos, ela tenha regredido para o que Furtado (1959) chamou de pecuária de subsistência.

Capítulo 2 – Delimitação e Características Físicas da Mesorregião do Agreste Paraibano

Moreira e Targino (1997) consideram que a ocupação do interior da Paraíba se deu através dos “*caminhos de gado*” na direção *leste-oeste*, seguindo os percursos dos rios, ao longo das quais foram instalados os currais e fazendas de gado e posteriormente os vilarejos. Apesar de as fazendas resultarem dos latifundiários de sesmeiros, os referidos autores também destacam que atividade produtiva do semiárido esteve associada à forte presença camponesa, responsável pela produção de lavouras de subsistência e pela relação gado-policultura (MOREIRA; TARGINO, 1997, p.77).

2.3.1 - Localização da Microrregião do Curimataú.

No mapa de localização da Mesorregião do Curimataú está inserida, no limite dos Estados da Paraíba com o Rio Grande do Norte e está situada do Seridó paraibano ao norte do Cariri (Planalto da Borborema) e oeste do Brejo (FIGURA 08).

A região do Curimataú é uma região tipicamente semiárida, que traz consigo uma história de lutas e organização em busca de melhoria de sua qualidade de vida.

De acordo com a divisão em **Regiões Fisiográficas**, feita pelo IBGE em 1945, a região do Curimataú compreenderia parte do Agreste e Caatinga Litorânea, excluindo o município de Dona Inês que faria parte da Zona do Brejo. A divisão, em **Microrregiões Homogêneas** (1968) também feita pelo IBGE é baseada em critérios socioeconômicos. De acordo com essa divisão, a região do Curimataú corresponderia aos municípios de Barra de Santa Rosa, Cuité, Nova Floresta, Cacimba de Dentro, Araruna, Tacima e Dona Inês.

A divisão atual do Estado da Paraíba, realizada pelo IBGE, é feita em Meso e Microrregiões Paraibanas (1987/1991) e é baseada na configuração espacial e no processo de povoamento do Estado. O Curimataú se insere na Mesorregião do Agreste Paraibano, estando compreendida entre as latitudes de 06°24’S e 07°14’S e as longitudes de 35°25’W e 36°31’W.

Nesta divisão o Curimataú se subdividiu em duas microrregiões distintas, do ponto de vista da produção: Curimataú Oriental e Curimataú Ocidental, as quais, reunidas, abrangem uma área territorial de 5.244, 968 km², equivalendo à 9,29% da área territorial total do Estado.

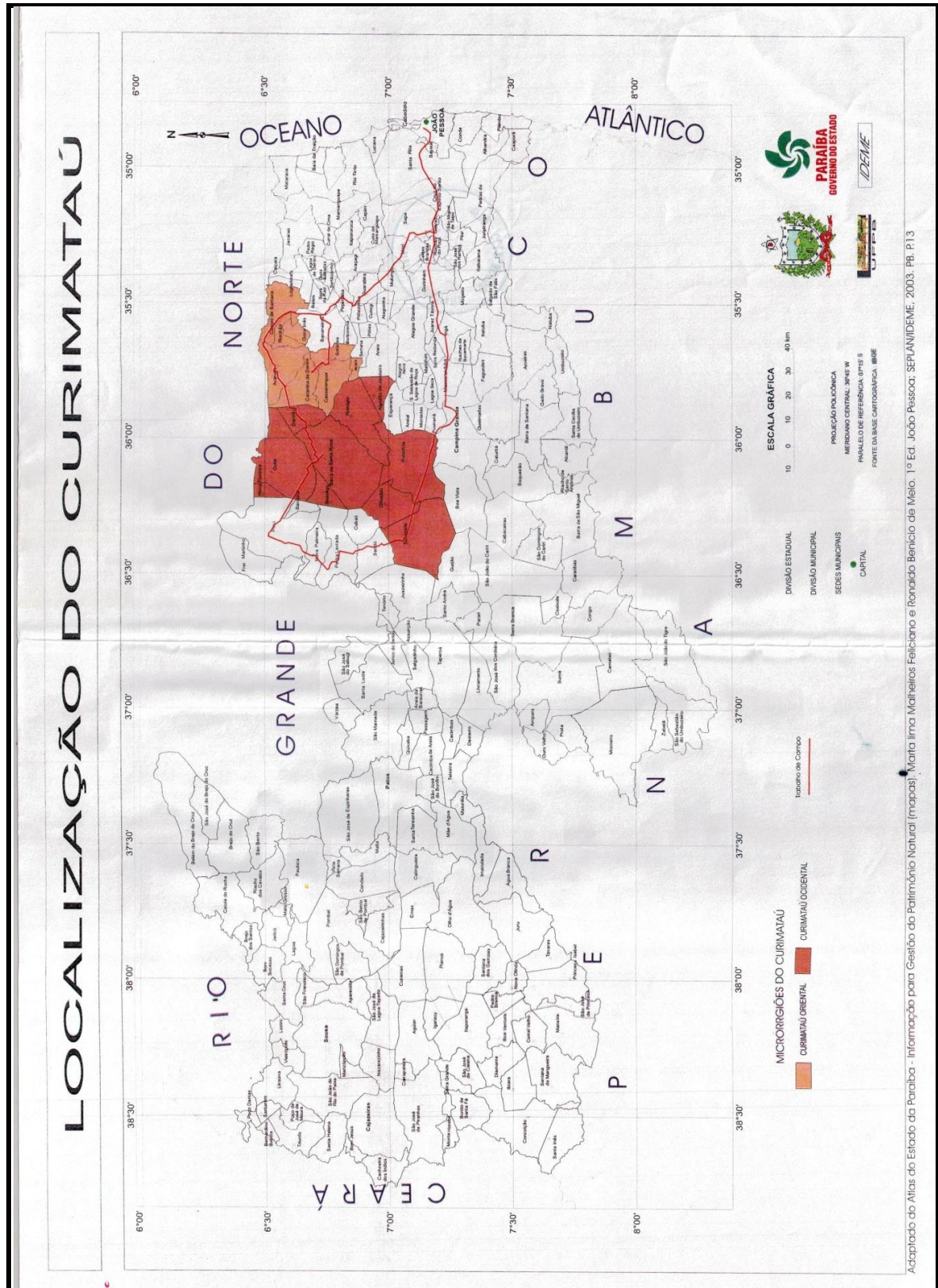


Figura 07 – Localização da Microrregião do Curimatáu.
Fonte: Governo do Estado da Paraíba.

Capítulo 2 – Delimitação e Características Físicas da Mesorregião do Agreste Paraibano

No que concerne ao quadro político municipal, no conjunto, as suas microrregiões que compõem o Curimataú paraibano, comportam, 18 municípios, sendo 11, no Curimataú Ocidental e 7 no Curimataú Oriental.

Curimataú Oriental compreende os municípios de Campo de Santana (ex-Tacima), Dona Inês, Richão, Araruna, Cacimba de dentro, Solânea e Casserengue; Já o Curimataú Ocidental, abrange os municípios Arara, Remigio, Algodão de Jandaíra, Pocinhos, Soledade, Olivedos, Barra de Santa Rosa, Damião, Sossego, Cuité e Nova Floresta.

Na tabela 02, mostra a altitude, as coordenadas e áreas de cada Municipio da Região do Curimataú Ocidental e Curimataú Oriental.

Tabela 02 - Altitude, coordenadas geográficas e áreas dos municípios do Curimataú.

Discriminação	Altitude (m)	Latitude - S	Longitude (W.Gr.)	Área
Microrregião do Curimataú Ocidental				3.894,7 km²
Algodão de Jandaíra	470	06°54'	36°00'	220,2 km ²
Arara	467	06°49'	35°45'	99,1 km ²
Barra de Santa Rosa	457	06°43'	36°03'	825 km ²
Cuité	649	06°29'	36°09'	741,8 km ²
Damião	-	06°36'	35°56'	109,7 km ²
Nova Floresta	666	06°27'	36°12'	58,8 km ²
Olivedos	559	06°59'	36°14'	317,9 km ²
Pocinhos	646	07°04'	36°03'	629,5 km ²
Remigio	593	07°49'	38°09'	178 km ²
Soledade	521	07°03'	36°21'	560 km ²
Sossego	580	06°46'	36°15'	154,7 km ²
Microrregião do Curimataú Oriental				1.363,2 km²
Araruna	570	06°33'	35°44'	245,7 km ²
Cacimba de dentro	536	06°38'	35°47'	181,2 km ²
Casserengue	-	06°45'	35°43'	201,3 km ²
Dona Inês	421	06°36'	35°17'	132,4 km ²
Riachão	-	06°32'	35°37'	90,1 km ²
Solânea	626	06°45'	35°32'	265,9 km ²
Tacima	168	06°29'	35°47'	246,6 km ²
Area Total				5.244 km²

Fonte: IBGE, 2010.

Capítulo 2 – Delimitação e Características Físicas da Mesorregião do Agreste Paraibano

2.3.2 – Aspectos Naturais

A Região do Curimataú é caracterizada pelo domínio geomorfológico do Planalto da Borborema, se apresentando muito dissecada principalmente no contexto da Bacia do Curimataú.

A depressão do Curimataú entalha vigorosamente a porção nordeste do Planalto da Borborema. Corresponde a uma tossa tectônica resultante de falhamento, apresentando altitude média de 300 metros, com desníveis de até 300 metros entre a baixada e os topos mais elevados das serras vizinhas (CARVALHO, 1982). Mais a leste, a depressão confunde-se com a depressão Sub-litorânea (ver Figuras de relevo).



Figura 08 – Depressão do Curimataú, Paraíba.

Fonte: Google Imagens, acessado em 29 de Janeiro de 2014.

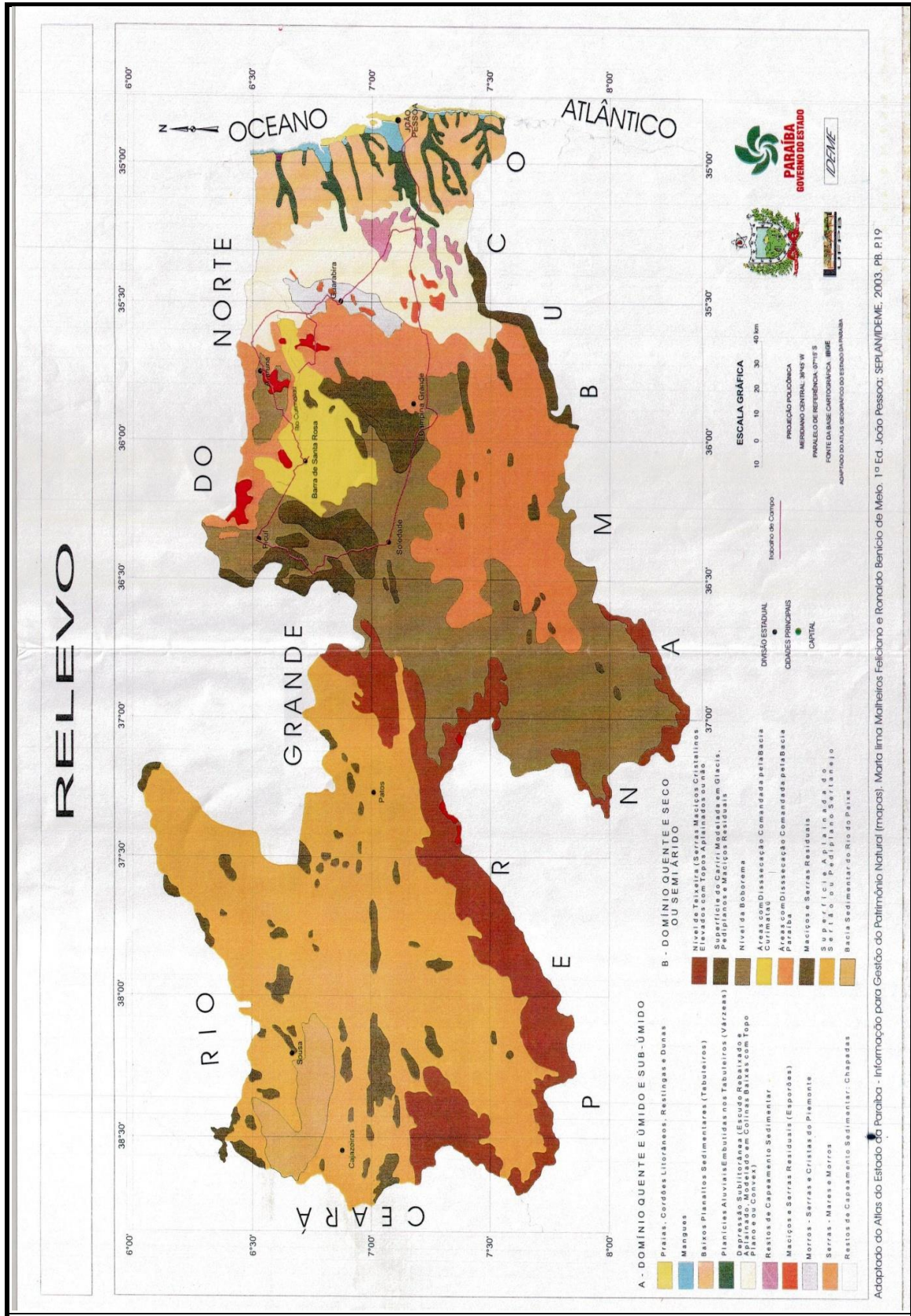


Figura 09 – Mapa do Relevo da Paraíba.
Fonte: Governo Estado da Paraíba. Ano 2003.

Capítulo 2 – Delimitação e Características Físicas da Mesorregião do Agreste Paraibano

A litologia da região corresponde a um cenário formado por rochas ígneas e metamórficas do Complexo Gnáissico-Migmatítico, pertencente ao período Pré-Cambriano e por rochas sedimentares da Formação Campos Novos, do Terciário, compostas por uma sequência de argilas bentoníticas e montimoriloníticas, com níveis de “chert” fossilíferos. A maior parte da área está inserida no Sistema de Dobramentos do Curimataú Paraibano e do Maciço de Caldas Brandão, formada por rochas plutônicas, (ASSIS, 2002, *apud*, VIEIRA, 2005).

Trata-se de uma área geologicamente explicada como um ambiente de tectonismo por ruptura que teria originado, sendo estas responsáveis pela drenagem local.

O complexo Gnássico Migmatítico é formada por rochas granitoides, granitos, basaltos e monzonitas. A geomorfologia sofre influências geológicas do Sistema de Dobramentos do Curimataú e apresentada uma divisão com base na litologia. O domínio da vegetação de caatinga é subdividido em hipoxerófila de acordo com as características climáticas locais (ASSIS, 2002, *apud*, VIEIRA, 2005).

A drenagem é temporária, representada pela bacia hidrográfica do Curimataú, cujos formadores promovem o festonamento (erosão) das bordas do maciço da Borborema, em espigões rochosos (Serras da Caxexa, etc.) e convergem para um vale estreito e encaixado. Em alguns trechos (entre a serra de Dona Inês e as chapadas de Solânea) aparecem gargantas quase retilíneas. (CARVALHO, 1982).

O Relevo mais geral dessa depressão, estruturado em micaxistos é mais ou menos do tipo colinoso, cujas elevações apresentam topos de planos arredondados. Segundo CARVALHO (1982), a evolução das encostas se dá principalmente pelo desmatamento mecânico do material, que pode ser removido de modo acentuado, dependendo da intensidade do escoamento superficial.

A região do Curimataú, sofre a influência do foehn geográfico, estabelecendo-se em posição e sotavento aos ventos úmidos de sudeste que provocaram precipitações abundantes na primeira. Ao chegar à Depressão do Curimataú, esses ventos descem, e conseqüentemente se aquecem, beneficiando a dissolução das nuvens.

Capítulo 2 – Delimitação e Características Físicas da Mesorregião do Agreste Paraibano

Nessa Região ocorre o efeito de Fohen pelo fato de estar a sotavento das massas de ar úmidas proveniente do litoral, representadas pelos alíseos de sudeste, como das massas de ar úmidas provenientes da Amazônia, representadas pela CIT (CARVALHO, 1982).

De acordo Ayoade (2002), o Foehn, é um vento quente e seco ocorre a sotavento de uma cadeia de montanhas, Ocorre, por exemplo, nos flancos sentracionais dos Alpes, em montanhas da Ásia Central e nas porções ocidentais das Montanhas rochosas, na América do Norte, onde aí é conhecido como Chinook.

Na vertente setrional do Vale do Curimataú, a elevação das altitudes por efeito da presença de relevos, que, embora moderados, serve de fronteira orográfica com o estado do Rio Grande do norte, volta acarretar uma melhoria das condições climáticas. As terras onde mais se apresenta essa melhoria encontram-se no município de Nova Floresta no extremo norordeste da região e nos municípios de Araruna e Tacima, no lado norte-oriental da mesma[...]. (MELO, 1988).

O clima da Região do Curimataú, segundo a classificação do Köppen, é do tipo BSw^h que significa semi-árido quente. As temperaturas mínimas variam de 18° a 22° nos meses de Julho e Agosto e as máximas se situam entre 28° e 31°, nos meses de Novembro e Dezembro (LACERDA, 2005).

A precipitação nos municípios que compõem a região varia de 333,6 a 714,6 mm/ano (AESAs, 2014). “O período mais favorável às explorações agrícolas é de Fevereiro a Maio com precipitações médias mensais entre 40 e 75 mm”(CEPA, 1973,33).

Região do Curimataú, os tipos de vegetação vão desde Caatinga arbustiva aberta à arbórea (com gradações intermediárias), a matas secas e matas úmidas. A Caatinga do Curimataú apresenta semelhanças com a Caatinga do Cariri Paraibano, sendo principalmente do tipo hiperxerófito onde são encontradas espécies como Macambira (*bromélia lacioniosa*); Caroá (*Neoglaziovia variegata* Mz), Xique-Xique (*Pilosocereus gounellei* Weber); Facheiro (*Pilosocereus piauhiensis*) (MOREIRA, 2002).

Capítulo 3 – Aspectos Sócio-Econômicos da Região do Curimataú.

Na atual regionalização, essa região é dividida em duas microrregiões: Curimataú Oriental, que recebeu a denominação de Araruna pelo IBGE e Curimataú Ocidental ou Cuité. Segundo com MOREIRA (1989), Na microrregião do Curimataú Oriental, “ a estrutura produtiva regional distingui-se do Curimataú Ocidental pelo maior peso da policultura de alimentos e pela falta de expressão da cultura sisaleira”. Esta ultima é conhecida como região sisaleira do Estado.

A distribuição da população na zona rural do Curimataú não pode ser unicamente ser atribuída às condições naturais da região, mas ao processo de ocupação do Estado regido pela economia e políticas de planejamento associadas ao mercado internacional e às condições de dependência externa de um país colonizado.

Ao tratarmos da evolução da Paraíba sabemos que até o século XVIII, o povoamento era disperso, concentrando-se no litoral, enquanto o Agreste mantinha um efetivo inexpressivo e o Sertão contava com concentrações rarefeitas.

A evolução da população da Paraíba esteve relacionado ao mercado agrícola internacional, a causas naturais, obviamente mais políticas, como ausência de investimentos na região e as atividades econômicas internas do País (MOREIRA & TARGINO, 1996).

Depois disso houve muitas alterações na divisão regional e municipal. De acordo com Moreira & Targino (1996), essas alterações basearam-se na preocupação de procurar distinguir de modo sério e conseqüentemente os diversos espaços produtivos, as diferentes subunidades espaciais existentes na região. Os dados da Tabela 3, foram feitos, tomando-se como base a atual divisão em microrregiões e mesorregiões. Nessa época, a divisão municipal no Estado ainda não era a que vemos hoje, com 223 municípios.

Capítulo 3 – Aspectos Sócio-Econômicos da Região do Curimataú

TABELA 03 - População urbana e rural, grau de urbanização, taxa de crescimento, total – 1991 à 2010.

Microrregião	1991				
Curimataú	Urbana	Rural	Grau de urbanização	Crescimento	Total
Arara	4.350	5.557	31,15%	0,64%	9.907
Araruna	5.756	12.140	32,16%	-0,56%	17.896
Barra de Santa Rosa	5.883	11.137	34,57%	0,63%	17.020
Cacimba de Dentro	5.915	11.757	33,45%	0,49%	17.672
Cuité	11.651	11.502	50,34%	0,34%	23.153
Dona Inês	6.147	1.090	84,98%	1,05%	7.257
Nova Floresta	1.197	2.195	35,29%	-0,51%	3.392
Olivedos	6.549	7.953	45,21%	0,33%	14.502
Pocinhos	9.801	7.366	57,07%	0,75%	17.167
Remígio	14.803	17.929	45,22%	0,68%	32.732
Solânea	6.902	4.273	61,76%	1,86%	11.175
Soledade	3.418	6.989	39,92%	-1,53%	10.407
Tacima	3.420	6.929	46,56%	1,45%	10.349
Microrregião	2010				
Curimataú Ocidental	Urbana	Rural	Grau de urbanização	Crescimento	Total
Algodão de Jandaíra	1.231	1.135	52,65%	0,45%	2.366
Arara	8.924	3.729	70,87%	1,06%	12.653
Barra de Santa Rosa	7.959	6.201	56,79%	-0,55%	14.160
Cuité	13.462	6.488	67,98%	-0,76%	19.950
Damião	2.278	2.622	46,13%	0,35%	4.900
Nova Floresta	7.892	2.641	74,23%	1,45%	10.533
Olivedos	1.902	1.725	52,76%	-1,96%	3.627
Pocinhos	9.615	7.405	56,89%	0,24%	17.020
Remígio	12.954	4.628	73,54%	1,23%	17.582
Soledade	10.231	3.508	74,56%	1,24%	13.739
Sossêgo	1.586	1.587	49,34%	0,76%	3.173
Curimataú Oriental	Urbana	Rural	Grau de urbanização	Crescimento	Total
Araruna	9.330	9.556	49,87%	0,66%	18.886
Cacimba de dentro	9.164	7.591	54,65%	-0,23%	16.755
Casserengue	3.458	3.600	48,41%	0,63%	7.058
Dona Inês	4.655	5.862	44,83%	1,10%	10.517
Riachão	2.031	1.243	62,42%	0,78%	3.274
Solânea	19.332	7.357	72,12%	2,87%	26.689
Tacima	4.371	5.892	42,99%	0,57%	10.263

Fonte – IBGE, censo demográfico 2010.

Capítulo 3 – Aspectos Sócio-Econômicos da Região do Curimataú

Com a nova divisão, os municípios de Soledade e Olivedos, que era tradicionalmente colocados no Cariri paraibano, foram incluídos no Curimataú Ocidental. O município de Soledade situa-se em uma área de transição, apresentando, do ponto de vista físico, características de Curimataú, ao norte, e de cariri, na maior parte do município. “Sua inserção nesta se dá, sobretudo, pelas características socioeconômicas atuais, em particular, pela dinâmica recente da organização agrícola, fundada principalmente na atividade sisaleira e na pecuária extensiva, semelhante a que ocorre na porção do Curimataú”.

Outra mudança se deu na emancipação de 53 municípios em todo o Estado no período 1994-1997. Na nossa região foram cinco: Algodão de Jandaíra, Casserengue, Damião, Riachão e Sossego (Figura 10).

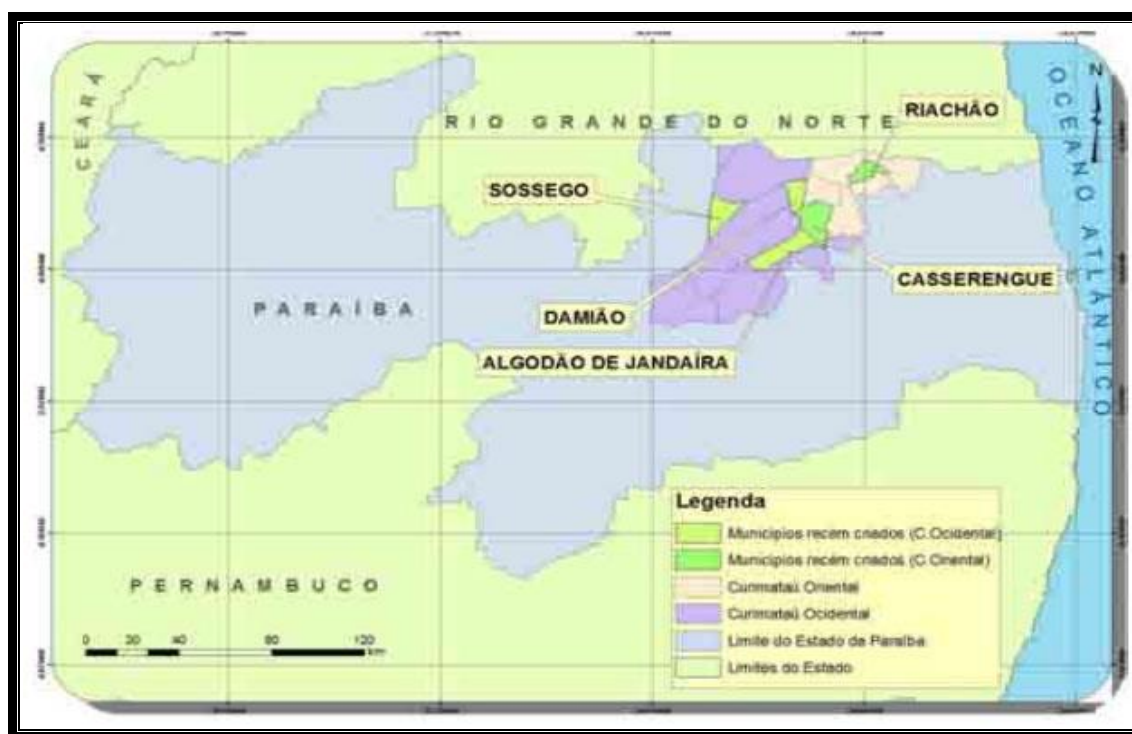


Figura 10 – Localização do Curimataú Paraibano, com ênfase nos municípios criados na década de 1990.

Fonte: FERNANDES, 2010.

Capítulo 3 – Aspectos Sócio-Econômicos da Região do Curimataú

Na tabela 03, cabe destacar as alterações ocorridas no que tange ao processo de urbanização do Estado, sendo percebidas, ao longo de todas as regiões geográficas, modificações na distribuição da população nas zonas rurais e urbanas. Nota-se que em 1991 a microrregião do Curimataú eram composta por 13 municípios. Em 2010 depois da emancipação de alguns municípios a microrregião do Curimataú está composta por 18 municípios

Cabe ressaltar que também foram observado na Tabela 03 a Microrregião do Curimataú Oriental nos municípios Araruna, Casserengue, Dona Inês, Tacima que perderam a população da área urbana para a zona rural. O que talvez possa ser justificado pelo retorno das populações que migraram para outras regiões, alterando a dinâmica populacional localidades.

➤ Produto Interno Bruto - PIB

No que diz respeito ao Produto Interno Bruto – PIB da microrregião do Curimataú do Estado da Paraíba no ano de 2010, este indicador econômico alcançou o nível de R\$ **80.846,31**.

Em termos de PIB Per Capita, indicador que mede a produção gerada durante o ano e dividida pela população total do município. Na tabela 04, comparando-se os valores entre os anos de 2009 e 2010, constatou-se que ocorreu uma redução apenas no município de Olivedos de 4.484,72 para 4.474,10. Por outro lado o município do Território que registrou o maior aumento do PIB per capita, neste mesmo período foi o município de Sossego que se localiza na Microrregião do Curimataú Ocidental, que elevou sua renda percapita em 13% (IBGE, 2010).

TABELA 04 – PIB dos Municípios da Microrregião do Curimataú nos anos de 2009 e 2010

Municípios do Curimataú	2009	2010
	PIB Per capita (R\$)	PIB Per capita (R\$)
Algodão de Jandaíra	4.661,83	5.075,08
Arara	3.502,84	3.919,32
Araruna	3.928,21	4.450,25
Barra de Santa Rosa	4.082,61	4.437,74
Cacimba de dentro	3.461,45	4.104,72
Casserengue	3.801,89	4.484,34
Cuité	3.981,20	4.667,75
Damião	3.645,30	4.073,66
Dona Inês	3.659,98	4.186,73
Nova Floresta	3.639,12	4.239,39
Olivedos	4.484,72	4.764,10
Pocinhos	4.160,59	4.495,65
Remígio	4.000,67	4.513,27
Riachão	3.789,98	4.693,94
Solânea	3.887,61	4.460,33
Soledade	4.765,70	5.483,86
Sossêgo	4.154,97	4.783,42
Tacima	3.538,21	4.012,76
Total	71.146,88	80.846,31

Fonte: IBGE, 2010.

➤ Índice Desenvolvimento Humano – IDH

De acordo com Barreto (2013), o índice desenvolvimento Humano (IDH) é um indicador do nível de atendimento das necessidades humanas básicas. Envolve a medição de três aspectos, a partir de índices da longevidade, educação e renda, que variam entre 0 (pior) e 1 (melhor). A combinação desses índices, ponderados igualmente, gera um indicador síntese.

Segundo a classificação do PNUD em 2013, todos os municípios que compõem o Território do Curimataú- PB (Tabela 05), encontravam-se no estágio de “médio desenvolvimento humano” (aqueles cujo IDH-M situa-se entre 0,500 e 0,800).

No desmembramento do IDH-M entre os sub-índices, longevidade, renda e educação, o que apresenta situação relativamente mais favorável nos municípios do territórios é o componente de *longevidade*; no outro extremo, o componente *educação* se mostra significativamente o mais desfavorável para todo o conjunto dos municípios que compõem a microrregião do Curimataú, sendo o que apresenta menor patamar de educação foram Casserengê (0,379) e Damião (0,391).

O IDHM do Curimataú do Ano de 1991 pulou de 0,310 (baixo desenvolvimento humano), para 0,605 (médio desenvolvimento humano) em 2010. O IDHM de longevidade de 0,795, foi o que mais contribui em termos absolutos para o nível atual do IDHM do Curimataú. Esta evolução da dimensão longevidade reflete o aumento de 14,2% na expectativa de vida ao nascer entre 1991 e 2010.

O IDHM de educação saiu 0,164 em 1991, para 0,488 em 2010 um movimento puxado, principalmente, pelo aumento de 115% no fluxo escolar da população jovem no período.

Já o IDHM de renda do Curimataú o crescimento no período de 1991 a 2010 foi de 14,2%, o equivalente a cerca de R\$ 346 de aumento na renda per capta mensal.

TABELA 05 - Índice de Desenvolvimento Humano do Ano de 1991 da Microrregião do Curimataú.

Curimataú				
Municípios	IDH – M de longevidade	IDH – M de Renda	IDH – M de Educação	IDH Municipal
Araruna	0,497	0,438	0,087	0,267
Barra de Santa Rosa	0,500	0,386	0,110	0,277
Cacimba de Dentro	0,540	0,399	0,061	0,236
Cuité	0,498	0,397	0,107	0,277
Dona Inês	0,558	0,405	0,071	0,252
Nova Floresta	0,503	0,430	0,143	0,314
Olivedos	0,492	0,397	0,146	0,306
Pocinhos	0,556	0,419	0,138	0,318
Remígio	0,549	0,479	0,124	0,319
Solânea	0,568	0,462	0,127	0,322
Soledade	0,586	0,449	0,152	0,342
Tacima	0,518	0,393	0,087	0,261
Média	0,585	0,465	0,164	0,310

Fonte – PNUD, Atlas da Paraíba 2013.

TABELA 06 - Índice de Desenvolvimento Humano do Ano de 2010 da Microrregião do Curimataú.

Curimataú				
Municípios	IDH – M de longevidade	IDH – M de Renda	IDH – M de Educação	IDH Municipal
Algodão de Jandaíra	0,749	0,532	0,413	0,548
Arara	0,712	0,569	0,407	0,548
Araruna	0,758	0,549	0,439	0,567
Barra de Santa Rosa	0,753	0,542	0,434	0,562
Cacimba de dentro	0,777	0,551	0,419	0,564
Casserengue	0,730	0,492	0,379	0,514
Cuité	0,766	0,574	0,470	0,591
Damião	0,720	0,503	0,391	0,521
Dona Inês	0,690	0,524	0,447	0,545
Nova Floresta	0,758	0,576	0,498	0,601
Olivedos	0,766	0,531	0,540	0,603
Pocinhos	0,779	0,556	0,477	0,591
Remígio	0,797	0,592	0,474	0,607
Riachão	0,695	0,530	0,420	0,530
Solânea	0,762	0,592	0,468	0,595
Soledade	0,772	0,598	0,506	0,616
Sossêgo	0,769	0,531	0,460	0,573
Tacima	0,726	0,513	0,450	0,551
Média	0,795	0,586	0,488	0,605

Fonte – PNUD, Atlas da Paraíba 2013.

Capítulo 3 – Aspectos Sócio-Econômicos da Região do Curimataú

➤ Principais atividades produtivas

A base da agricultura da zona semiárida é a agricultura familiar, visto que, essa atividade esta calcada nas sabedoria e técnicas populares, contribuindo decisivamente para a reprodução de expressiva parcela da população local .



Figura 11 - Agricultura orgânica, município de Nova Floresta.
Fonte : Google Imagens, acessado em 18 de Fevereiro de 2014

Além da base agrícola e da pecuária, com destaque para caprinovinocultura, deve-se ressaltar o alto potencial mineralógico do Território por se constituir em uma das principais fontes de renda para aproximadamente 1 mil garimpeiros. Atividade beneficia de forma direta cerca de 4 mil pessoas. A existência de grandes jazidas localizadas principalmente nos municípios de Cuité, Nova Floresta, Sóssego, garante ocupação e renda para expressiva parcela da população desses municípios.

Capítulo 3 – Aspectos Sócio-Econômicos da Região do Curimataú

A região do Curimataú apresenta como uma de suas principais características fisiográficas a ocorrência de longos períodos de estiagem, que se configuram como sendo umas das principais dificuldades para produção agrícola. Esta realidade acrescida de fatores tais como a concentração fundiária, escassez de crédito e limitação de mercado constituem-se nos principais entraves para o desenvolvimento rural de uma produção rural eficiente.

Apesar disso, a agricultura ainda se apresenta como sendo uma das principais atividades que compõem o cenário econômico do território, com destaque para a produção de alimentos, desenvolvida, em grande parte, pelo sistema de agricultura familiar.

De acordo com os dados referentes à Produção Agrícola Municipal do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE (2010), o Curimataú apresentava uma área colhida total de 55.776 hectares, sendo 29.120 hectares relativos à lavouras temporárias e 26.656 relativos a cultura permanentes.

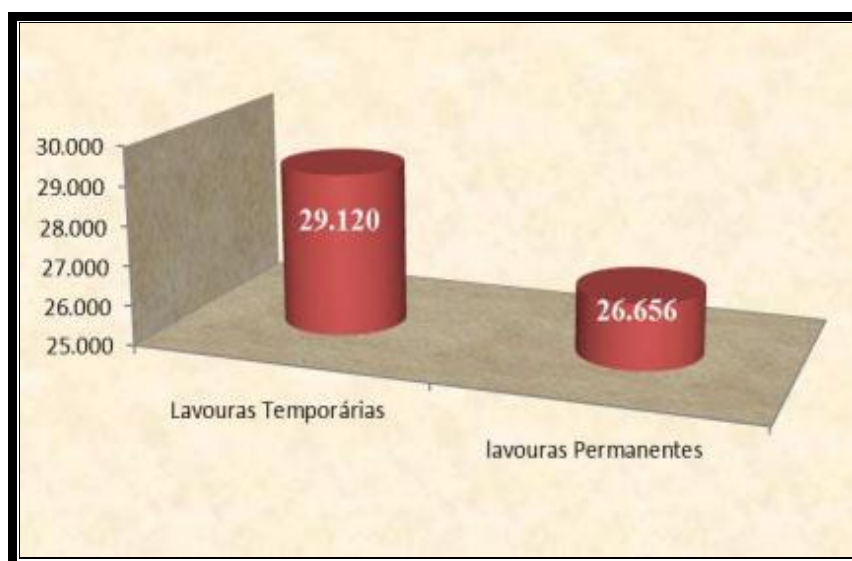


Figura 12: Área colhida de lavouras temporárias e Permanentes

Fonte: IBGE, 2010

Capítulo 3 – Aspectos Sócio-Econômicos da Região do Curimataú

Agricultura familiar no Curimataú, sempre foi vista como uma atividade de produção que se desenvolve em base precária e voltada para subsistência, o que não contribui para resultados econômicos expressivos.

Esta preocupação formada com a base na agricultura familiar trouxe consequências danosas para as pessoas que vivem no campo e precisam da agricultura familiar para garantir seu sustento. A ideia de que essa modalidade de produção era atrasada, aliada a outros fatores como: planejamento, estrutura agrária, desorganização do processo produtivo, ausência de capacitação, fizeram com o que ocorresse um desestímulo aos produtores de base familiar durante muito tempo, sendo sem sombra de dúvida a principal vítima desse processo, pois se sentirem desmotivados a praticarem atividades agrícolas, procuraram então uma alternativa de vida que muitas vezes culminou com êxito rural recolhendo grandes centros urbanos, agravando ainda mais os conflitos sociais no país.

Quanto as principais culturas desenvolvidas no Território do Curimataú destacam-se os produtos alimentares de subsistência como milho, feijão, mandioca e batata doce, além de produtos da fruticultura como o caju e a manga.

➤ **Habitação**

A moradia é outra questão que merece ser retratada, em face da carência habitacional, acarretada pelas condições estruturais dos imóveis e o déficit de moradias existentes nestes municípios da Região do Curimataú.

Entretanto, não se pode deixar de citar os programas de substituição de casas de taipa por alvenaria e de conjuntos habitacionais, principalmente na área urbana, empreendidos tanto pelo poder público local, como pelo poder estadual com a União.

➤ Pecuária

No que se refere à bovinocultura o plantel de animais em 2008, era da ordem de 32.839 animais, encontrando-se os mais expressivos rebanhos nos municípios de Algodão de Jandaíra, Olivedos, Pocinhos e Soledade, que juntos totalizam um plantel 16.336 bovinos, correspondendo a 46% do rebanho total na região do Curimataú.

TABELA - 07
Produção Pecuária em 2008

	Algodão de Jandaira	Olivedos	Pocinhos	Soledade	Total
Caprino	4.180	4.665	16.300	15.635	40.780
Bovino	1.257	2.893	4.000	8.186	16.336

Fonte: IBGE 2010 – Produção Pecuária Municipal

A caprinovinocultura é uma atividade expressiva. O rebanho na região é composto por 46.439 animais, segundo dados do IBGE 2010. Em termos plantéis os municípios Algodão de Jandaíra, Olivedos, Pocinhos juntos totalizam um plantel de 40.780 do rebanho de caprinos e ovinos de toda região do Curimataú.

Com relação a caprinovinocultura essa atividade é explorada em quase todo território. Esses animais de pequeno porte apresentam significativas vantagens em relação à bovinocultura, principalmente no que diz respeito à área ocupada e manejo. A selvageria desses animais, bem como a facilidade de adaptação às condições ambientais são outros fatores que contribuem para tornar essa atividade relevante, nas pequenas e médias unidades de produção rural.

➤ Turismo

A região do Curimataú se apresenta ainda de forma simples, no entanto, com um grande potencial podendo se formar, em setor estratégico para o desenvolvimento sustentável do território, visto que poderá ser desenvolvido nas modalidades de turismo rural, turismo religioso, turismo histórico-cultural, turismo de eventos, turismo de agronegócio e turismo arqueológico.

Dentre os atrativos naturais os arqueológicos destacam-se a Igreja de Pedra, no pico da Serra Cabeça do Boi no município de Sôssego; Pedra da Boca, no município de Araruna, entre outros. Outra modalidade tursística da região são as festas dos Santos Padroeiros e também festejos juninos que são realizados em todos os municípios territórios.

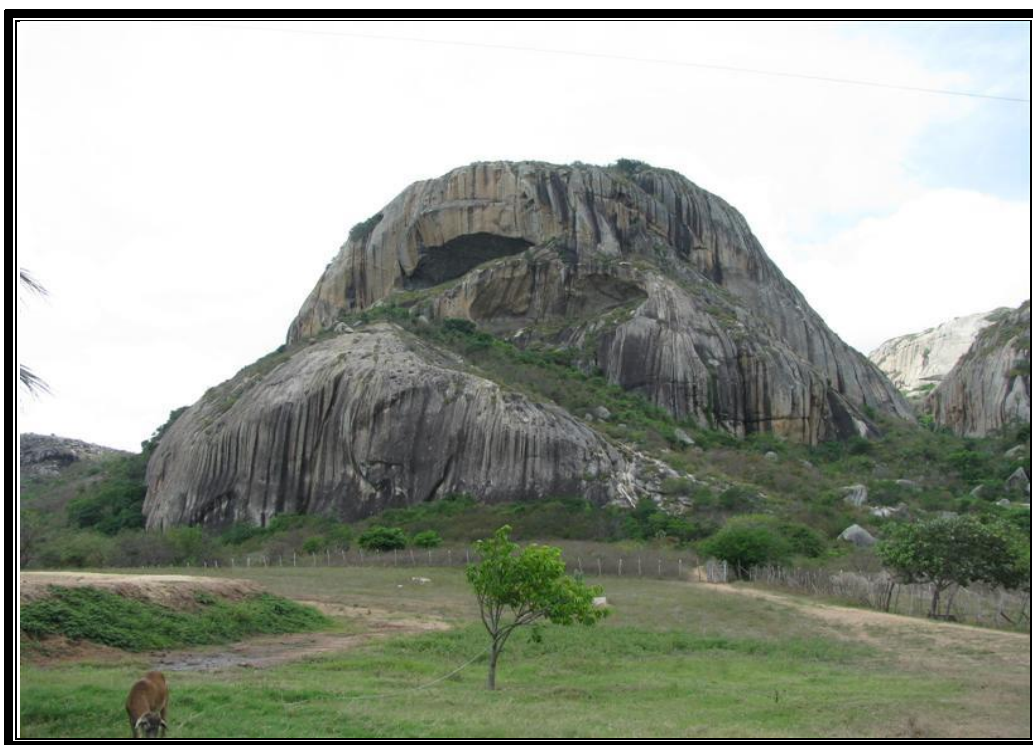


Figura 13 – Pedra da Boca, Araruna – PB.

Fonte : Google Imagens, acessado em 24 de Fevereiro de 2014

Capítulo 3 – Aspectos Sócio-Econômicos da Região do Curimataú

Vale salientar que já desponta no Território como uma modalidade turística de grande potencial, o desenvolvimento do turismo de agronegócio apresentando-se com uma modalidade turística capaz de captar expressivos fluxos de turistas e visitantes para a região do Curimataú.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscando compreender a análise socioeconômica e física da região do Curimataú foi necessário o levantamento geográfico. Através da pesquisa percebeu-se que a ciência geográfica possui subsídios conceituais com as teorias acerca das categorias território e região para explicar diferentes fenômenos geográficos, sejam eles nos aspectos fisiográficos, sejam eles nos aspectos naturais, econômicos, sociais, políticos e culturais.

Para alguma consideração e tecer uma hipótese provável sobre o que ocorre do ponto socioeconômica na região do Curimataú, temos que levar em consideração todo o contexto geocológico das regiões localizadas no seu entorno. E a partir daí, analisamos os fatores físicos intervenientes desde a geologia, climatologia até os aspectos sócio econômicos.

Um ponto que gostaria de tornar abordar refere-se a inclusão do município de Soledade e Olivedos na Mesorregião do Agreste. Olivedos e Soledade, como todo município situado em área de transição, apresenta de ponto de vista físico, características tanto de Curimataú (ao Norte), como de Cariri (na maior parte do Município).

A emancipação de Algodão de Jandaíra, Damião e Sossêgo no Curimataú Ocidental e Casserengue e Riachão no Curimataú Oriental, a configuração desses municípios segue a tendência identificada no Estado, e em maior escala, ao Brasil como um todo, tendo-se então, condições de caracteriza-los enquanto municípios. Para isso leva-se em consideração, não apenas a extensão territorial, mas o contingente populacional e a dinâmica econômica e produtiva neles existentes.

Tradicionalmente, entretanto, habituou-se enquadrá-lo nesta última unidade fisiográfica. Ao inseri-lo no Curimataú Ocidental como foi feito neste trabalho, quebra-se esta regra. Sua inserção nesta subunidade espacial dá-se sobretudo pelas características socioeconômicas atuais, em particular, pela dinâmica recente da organização agrícola, fundada principalmente na atividade sisaleira e na pecuária extensiva, semelhante ao que ocorre na porção ocidental do Curimataú. Convém acrescentar que a opção pela inclusão de Soledade e Olivedos, seja no Cariri Oriental ou Microrregião de Cabaceiras, seja na Microrregião de Cuité, depende unicamente de uma decisão técnica.

O clima da região é predominantemente semi-árido com uma estação seca mais prolongada onde a taxa de precipitação pode cair a níveis baixíssimos, o que impede o desenvolvimento da agricultura e pecuária.

Não podemos esquecer que todo povo tem uma história particular e que sua evolução, esta sim, está determinada pelo modo de produção que condiciona as políticas econômicas de cada região que compõe um País.

Por esta razão é que refletirmos sofre possíveis correções ao ambiente do Curimataú que poderiam melhorar a produção agrícola, e as condições de vida do “curimatauzeiro”, expressão que une aqueles que já se acomodaram às adversidades do meio.

REFERÊNCIAS

- AESA - Agência Executiva de Gestão das Águas do Estado da Paraíba. Acessado no dia 23 de Janeiro de 2014.
- ANDRADE, Gilberto Osório. João Pessoa: Editora Universitária, 1997.
- ANDRADE, M.C. **O processo de ocupação do espaço regional do Nordeste**. Recife: SUDENE, Coord. Planejamento Regional, 1975.
- ASSIS, Edvânia Gomes de. **A Salinidade das Águas Superficiais e sua interferência nas condições sócio-econômicas na Sub-bacia do Rio Caraibeiras – Curimataú Paraibano**. João Pessoa, 2002.95p.
- AYOADE. J.O. **Introdução à Climatologia para os trópicos**. 8ª Ed. – Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2002.
- BARRETO, João Falcão. **Qualit@s Revista Eletrônica**. Volume 09, nº01, ano 2010.
- CARVALHO, G. R. F. de. **Classificação Geomorfológica do Estado da Paraíba**. João Pessoa: Editora universitária/ UFPB, 1982.
- CARVALHO, Ma. Gelza F. e Carvalho, F. de ^a Vegetação. **In: Atlas Geográfico do Estado da Paraíba**. João Pessoa, Graff-Set, 1985.
- CEGET/CNRS/UFPB. **Geographie ET écologie de La Paraíba (Bresil)**. Bordeaux: 1979.
- CEPA. **Aspectos Climáticos e Pluviométricos da Paraíba**. João pessoa, 1973.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Região Organização espacial**. São Paulo: editora ática, 2003.
- DRESH, J. **Les problèmes morphologiques Du Nord- Est Brésilien**. Paris: Bulletin de l'Association des gGeographes Français, no. 263-264, 1957.
- FERNANDES, Peterson C. **Localização da área de Estudo. 2010**. 1 mapa: color; 7x15.
- FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Fundo de Cultura, 1959.
- GOMES, Paulo Cesar da Costa. O conceito de região e sua discussão. In: Castro **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1995.
- GOVERNO ESTADO DA PARAÍBA, ANO DE 2003.
- GUERRA, Antônio Teixeira. **Dicionário Geológico-Geomorfológico**. Rio de Janeiro, IBGE, 1975.

IBGE. **Glossário Geológico**. Departamento de recursos naturais e ambientais. Rio de Janeiro, 1999, 214 p. Acesso no dia 15 de Janeiro de 2014.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2010. <http://www.ibge.gov.br..> Acesso no dia 09 de Dezembro de 2013.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2012. Acesso no dia 10 de Dezembro de 2013.

LACERDA, A.V. de. **Levantamento florístico do componente arbustivo-arbóreo da vegetação ciliar na bacia do rio Taperoá, PB, Brasil.** Acta Bot. Bras. Jul/Set. 2005, vol.19,no.3, p.647-656.

MATSUMOTO, E. **As formas de Relevo e Alguns Problemas Geomorfológicos na Parte Oriental do Nordeste Brasileiro.** IG-USP, S.Paulo, 1974.

MELO, Sérgio Tavares de. **Impactos ambientais do Proalcool na Paraíba. In: Impactos sociais, econômicos e ambientais do Proalcool na Paraíba.** João Pessoa, cadernos Codécit 002, séries Impactos Tecnológicos, Ano I, nº.1, 1984.

MELO, Mário Lacerda de (Coord.). **Áreas de exceção da Paraíba e dos sertões de Pernambuco.** Recife, SUDENE-PSU-SER, 1988.

_____, **Os agrestes: estudo dos espaços nordestino do sistema gado-policultura de uso de recursos,** Recife, SUDENE, 1980.

MORAIS, Lenygia. **Expansão Urbana e Qualidade Ambiental no Litoral de João Pessoa-PB.** Dissertação de Mestrado. PPGG – UFPB, 2009.

MOREIRA, Emilia de Rodat Fernandes. **Estrutura do Território Municipal Paraibano: na busca das origens.**

_____. **Mesorregiões e Microrregiões da Paraíba: Delimitação e caracterização.** João Pessoa: Gasplan, 1989.

_____. **O Espaço Natural Paraibano.** João Pessoa:2002

MOREIRA , Emilia de Rodat Fernandes & TARGINO, Ivan. **Capítulos de Geografia da Paraíba -** João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB,1996. 332p.

MOREIRA, Emilia de Rodat Fernandes & TARGINO, Ivan. **De território de exploração a território de esperança: organização agrária e resistência camponesa no semi-árido paraibano –** João Pessoa: Revista Nera, Ano 2010, N.10, 2007.

NUNES, M.V. **Entre o cap verde e a redenção: a cultura do trabalho com agaves nos Cariris velhos (1937-1966 Paraíba).** Brasília: Universidade de Brasília, 2006 (Tese de Doutorado).

PNUD. **Atlas da Paraíba 2013**, Estado Paraíba. Ano de 2013.

RODRIGUEZ, Janete Lins. **Atlas Escolar Paraíba: Espaço Geo-Histórico e cultural**. João Pessoa: Grafiset, 2012

VIEIRA, Igor Francisco Mesquita. **A região do Curimataú no Estado da Paraíba: Aspectos fisioclimáticos e ocupação do solo**. João Pessoa, ano 2005.

VIEIRA, Noemia Ramos. **O conceito de Região e o ensino de Geografia: Desencontros entre o saber escolar e o saber acadêmico**. Revista Formação, nº 20, volume, 2013.